

O movimento da terapia familiar

DANIEL SAMPAIO *

O movimento da terapia familiar inicia-se, sobretudo nos Estados Unidos, a partir dos anos cinquenta. Na sua história destaca-se a importância dos Centros de Saúde Mental Infantil onde se verificou que era mais rentável e mais eficiente intervir sobre toda a família do que observar e tratar isoladamente a criança e os seus familiares. Do mesmo modo, a psicoterapia individual ou de grupo muitas vezes mostrou a importância da família na manutenção ou agravamento da «doença» do indivíduo que vem à consulta.

Além da clínica, outro contributo extremamente importante decorreu das investigações sobre a comunicação verbal e não-verbal em famílias em que um dos membros era diagnosticado como sofrendo de esquizofrenia. Surgiram assim novas hipóteses explicativas desta psicose e a terapia familiar ocupa hoje um lugar de relevo nas respostas terapêuticas ao complexo problema que constitui a esquizofrenia.

De um modo geral, o termo terapia familiar designa um método sistemático de intervenção psicoterapêutica, estabelecido para minorar as perturbações emocionais de um grupo familiar, entendido no seu todo. Sob este título, agrupam-se diversas formas de intervenção, que vão desde a terapia familiar conjunta (em que se intervém sobre toda a família) à intervenção comunitária (em que se perspectiva a ligação da família à comunidade em que se insere), não esquecendo a terapia conjugal (visando melhorar os padrões relacionais de um dado casal).

O objectivo da terapia familiar é assim, essencialmente, o de modificar o sistema de interacção no seio de uma família e não o de curar ou transformar o indivíduo, membro da família. Da mudança no

* Da Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar.

sistema familiar devem resultar alterações em todos os membros da família, incluindo o desaparecimento do «sintoma», ou comportamento indesejável no indivíduo-problema, através do qual a família formula, directa ou indirectamente, o pedido de consulta. O terapeuta familiar considera que os problemas do elemento identificado são criados e/ou mantidos pela «rede» de interacção familiar. A intervenção terapêutica vai portanto incidir sobre a rede ou sobre o sistema de interacção e não exclusivamente sobre aquele indivíduo, que passa então a ser considerado como um membro participante na manutenção da patologia ou da disfunção do sistema familiar, da mesma forma que os restantes membros.

A terapia familiar está indicada quando, no seu todo ou em parte, a família está envolvida num problema psico-social. De entre as indicações específicas destacam-se as perturbações emocionais da infância e da adolescência, quer neuróticas, quer psicóticas, e as dificuldades relacionais do casal. Merecem destaque especial as terapias já bem documentadas por escolas estrangeiras em casos de fobia escolar, anorexia mental, esquizofrenia, etc.

Saliente-se, por último, a grande importância da terapia familiar no aspecto preventivo. A actuação precoce no seio de uma família, entendida no seu todo, pode modificar, pelo menos em parte, as transacções patológicas e as perturbações da comunicação porventura existentes, evitando que alguns dos seus membros — particularmente os mais jovens — venham mais tarde a sofrer de perturbações psíquicas. Através de uma intervenção global, mais simples e sobretudo mais económica, podem assim evitar-se muitas outras actuações.

Constituída em fins de 1979, a partir de um grupo de técnicos de diversa formação profissional, mas todos possuindo treino grupanalítico, a Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar (S.P.T.F.) tem por objectivo não só incentivar a terapia familiar entre nós — nos seus campos de investigação e de actuação psicológica — mas também contribuir para a definição dos padrões de treino e de exercício profissional dos terapeutas familiares.

Até ao presente, o exercício desta técnica de intervenção tem-se limitado a esforços isolados, mas a situação actual parece estar a alterar-se com a existência de vários núcleos de trabalho interessados em terapia familiar, funcionando em diversas instituições de saúde mental. Também em diversos Congressos e Reuniões Científicas, recentemente realizados entre nós, aumenta o interesse e a participação no debate destes problemas (cf., por exemplo, o I Encontro de

Saúde Mental Infantil, o I Congresso de Psiquiatria da Adolescência e o I Encontro Família e Saúde Mental).

A criação da S.P.T.F. procura assim contribuir para a aglutinação desses esforços dispersos, tornando-se um centro de debate e de formação em terapia familiar. Os seus Membros Fundadores procuram completar a sua formação, quer através de contactos com o estrangeiro, quer através da estada entre nós de terapeutas familiares experimentados, funcionando como supervisores e orientadores do seu trabalho. A estada entre nós do Prof. Maurizio Andolfi (Istituto di Terapia Familiare, Roma), que coordenou o I Encontro de Terapia Familiar (Lisboa, 2-4-80) e a recente vinda do seu colega Carmine Saccu inserem-se neste intercâmbio.

No âmbito das suas actividades, a S.P.T.F. realizou em Janeiro e Fevereiro de 1981 dois "Workshop" intensivos destinados a técnicos de saúde mental de Lisboa e Porto, subordinados ao tema "Abordagem e diagnóstico familiar" e continua, através de diversas iniciativas, tomando parte activa em congressos e reuniões científicas a realizar em Portugal e no estrangeiro. Estas realizações não pretendem constituir nenhum Curso de Formação, ainda não realizável, mas apenas continuar a corresponder a um interesse crescente manifestado por técnicos de várias instituições.

A formação em terapia familiar, que nas escolas mais credenciadas oscila de 3 a 5 anos de aprendizagem activa, necessita de uma estrutura ainda não possível entre nós, mas que se espera não estar muito distante. Os Estatutos da S.P.T.F. englobam assim diversos tipos de Membros: além dos Fundadores e Honorários, estão previstos os Membros Efectivos e Associados, consoante tenham ou não completado a sua formação. Desde já a Sociedade se encontra aberta aos Membros Correspondentes interessados.

Julgamos que os artigos que se seguem constituem um conjunto que possibilita uma primeira abordagem à terapia familiar, mesmo para o leitor não familiarizado. Pretendeu-se fornecer uma série de elementos de ordem teórica indispensável para a compreensão desta técnica de intervenção em saúde mental, não esquecendo o seu enquadramento social e histórico. Em artigos posteriores está prevista a apresentação de trabalhos clínicos que de certo modo sejam demonstrativos desta perspectiva.

Esperamos que este número elevado de páginas que generosamente nos é concedido por PSICOLOGIA, possa contribuir para a difusão da terapia familiar, actividade para nós cada vez mais aliciante.